

O DEUS DOS FILÓSOFOS

- *O homem, quem é ele? Elementos de antropologia filosófica*, Battista Mondin
- *Introdução à filosofia: problemas, sistemas, autores, obras*, Battista Mondin
- *Curso de filosofia – vol. 1*, Battista Mondin
- *Curso de filosofia – vol. 2*, Battista Mondin
- *Curso de filosofia – vol. 3*, Battista Mondin
- *Filosofia da religião*, Urbano Zilles
- *Os sofistas*, William Keith Chambers Guthrie
- *Quem é Deus? Elementos de teologia filosófica*, Battista Mondin
- *Os filósofos através dos textos: de Platão a Sartre*, VV.AA.
- *A educação do homem segundo Platão*, Evilázilo Francisco Borges Teixeira
- *Léxico de metafísica*, Aniceto Molinaro
- *Filosofia para todos*, Gianfranco Morra
- *Filosofia, encantamento e caminho: introdução ao exercício do filosofar*, Vanildo de Paiva
- *Metafísica: curso sistemático*, Aniceto Molinaro
- *Corpo, alma e saúde: o conceito de homem de Homero a Platão*, Giovanni Reale
- *Teoria do conhecimento e teoria da ciência*, Urbano Zilles
- *Direito e ética: Aristóteles, Hobbes, Kant*, Maria do Carmo Bettencourt de Faria
- *Estética: fundamentos e questões de filosofia da arte*, Peter Kivy (org.)
- *Ética em movimento*, VV.AA.
- *Por que São Tomás criticou Santo Agostinho. Avicena e o ponto de partida de Duns Escoto*, Étienne Gilson
- *Filosofia da linguagem*, Alexander Miller
- *O problema do ser em Aristóteles*, Pierre Aubenque
- *Antropologia filosófica contemporânea: subjetividade e inversão teórica*, Manfredo Araújo de Oliveira
- *Metafísica: antiga e medieval*, Luciano Rosset; Roque Frangiotti
- *Modelos de filosofia política*, Stefano Petrucciani
- *A ontologia em debate no pensamento contemporâneo*, Manfredo Araújo de Oliveira
- *Panorama das filosofias do século XX*, Urbano Zilles
- *Filosofia: Antiguidade e Idade Média – vol. 1*, Giovanni Reale; Dario Antiseri
- *Filosofia: Idade Moderna – vol. 2*, Giovanni Reale; Dario Antiseri
- *Filosofia: Idade Contemporânea – vol. 3*, Giovanni Reale; Dario Antiseri
- *O Deus dos filósofos*, Urbano Zilles

URBANO ZILLES

O DEUS DOS FILÓSOFOS



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial

Darlei Zanon

Coordenação editorial

Claudiano Avelino dos Santos

Gerente de *design*

Danilo Alves Lima

Coordenação de revisão

Tiago José Risi Leme

Preparação do original

Luciana Mourão Maio

Diagramação e capa

Karine Pereira dos Santos

Impressão e acabamento

PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Zilles, Urbano.

O Deus dos filósofos / Urbano Zilles. - São Paulo : Paulus, 2023. (Coleção Filosofia)

ISBN 978-65-5562-819-7

1. Filosofia e religião 2. Filosofia 3. Deus I. Título II. Série

23-0046

CDD 200.15

Índice para catálogo sistemático:
1. Filosofia e religião



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções: paulus.com.br/cadastro

Televentas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2023

© PAULUS – 2023

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-819-7

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
INTRODUÇÃO	9
1. A QUESTÃO DE DEUS NA FILOSOFIA PRÉ-CRISTÃ	17
2. O DEUS DOS FILÓSOFOS E O DEUS BÍBLICO.....	31
2.1 O Deus bíblico	32
2.2 O Deus dos filósofos	38
2.3 A questão religiosa e a questão filosófica de Deus.....	44
3. ARGUMENTOS DA EXISTÊNCIA DE DEUS.....	49
3.1 As cinco vias de Tomás de Aquino.....	51
3.2 O argumento ontológico de Anselmo	54
3.3 O argumento moral de Kant.....	60
3.4 A aposta de Pascal.....	66
3.5 O argumento do consenso dos povos	68
4. AVALIAÇÃO DOS ARGUMENTOS	69
4.1 Que significa uma prova da existência de Deus?	70
4.2 Tipos de provas da existência de Deus	74
5. DEUS NA PERIFERIA	85
5.1 Crise da fé na existência de Deus.....	87
5.2 Deus ausente na tecnociência.....	89
5.3 Discurso filosófico “ateu”	96

5.4 O contexto alterado	101
5.5 Fé e conhecimento	103
6. O SUPER-HOMEM E A MORTE DE DEUS	107
6.1 O humanismo ateu de Ludwig Feuerbach	110
6.2 Nietzsche: o super-homem e a morte de Deus.....	116
7. NOVO DISCURSO FILOSÓFICO SOBRE DEUS.....	123
7.1 Experiência transcendental do incondicionado.....	123
7.2 O indizível místico de Wittgenstein.....	129
7.3 O mistério de Deus em Marcel.....	131
8. PLAUSIBILIDADE RACIONAL	
DA EXISTÊNCIA DE DEUS.....	137
8.1 Obstáculos para admitir a existência de Deus	141
8.2 Sinais que indicam para o transcendente.....	143
CONCLUSÃO.....	147
REFERÊNCIAS.....	157

APRESENTAÇÃO

O objetivo deste livro é colocar o leitor a par do papel que a questão da existência de Deus exerceu na filosofia, desde sua origem na antiga Grécia até a modernidade, como uma questão que diz respeito ao ser humano em sua existência. Além disso, tem a pretensão de fazer refletir sobre a situação atual: é necessário esquecer ou silenciar esse problema ou ainda existem possibilidades de um discurso filosófico autêntico sobre Deus?

A partir da segunda metade do século XX, as grandes correntes da filosofia tornaram-se “ateias” no sentido de silenciarem ou esquecerem a questão da existência de Deus. Precisa a filosofia restringir sua atividade ao mundo da redução lógica de teorias ou da linguagem? Tudo indica que, apesar do anúncio da morte de Deus por Nietzsche, Deus não está morto na experiência religiosa. Na filosofia, foi apenas colocado na periferia ou foi esquecido?

O discurso filosófico sobre Deus partiu da interpretação de experiências religiosas e da experiência do mundo contingente, no qual estamos inseridos e pensamos em conceitos. Fazemos parte desse mundo com o qual comungamos através do ar que respiramos e dos alimentos que ingerimos. Pelo espírito, estamos abertos para o infinito.

A ciência estuda o que podemos ver, sentir, tocar e perceber com nossos sentidos; enfim, definir. Dessa maneira, abre pequenas, mas importantes, clareiras em nossa vida. Deus, todavia, não é definível. Para vivermos bem, no entanto, não basta a ciência, pois a vida humana necessita de sentido. Nessa perspectiva, surge a pergunta: Na era “pós-metafísica”, é possível recuperar um dos temas originários fundamentais da filosofia a partir das experiências que os produziram ou de outras?

A palavra “Deus” surgiu como conceito na linguagem religiosa, e a temática por ela indicada passou a ser de interesse da filosofia para

examinar a verdade de seu conteúdo, ou seja, examinar se há plausibilidade racional para admitir sua existência. Não poder objetivar o absoluto significa, para o sujeito, que não pode separar a relação com ele da relação consigo mesmo, pois falar de Deus significa falar, simultaneamente, do homem e do sentido de sua vida.

Urbano Zilles

Porto Alegre, 2 de abril de 2021

INTRODUÇÃO

Muitas pessoas chocaram-se quando o astronauta russo Gagarin, depois de completar a primeira volta ao redor da Terra, em abril de 1961, exclamou: “Não encontrei Deus!”. É possível ver a Deus com os olhos físicos? O evangelista João afirma: “Deus jamais alguém viu!” (1Jo 4,12). Mas somente existe aquilo que podemos ver com nossos olhos ou apalpar com nossas mãos? Se Deus é invisível, podemos conhecê-lo? Podemos tornar racionalmente plausível a admissão de sua existência?

Pode parecer estranho que, em pleno século XXI, predominando a mentalidade de que a questão de Deus pertence somente à religião e à fé, alguém ainda ouse abordar temas considerados exclusivamente subjetivos e da esfera privada. Trata-se de um tema associado a determinadas concepções e narrativas às quais, por vezes, ainda se reconhece caráter poético, ou simplesmente são consideradas resquícios de uma visão totalmente superada pela racionalidade técnico-científica de nosso tempo? A filosofia fundamenta-se na razão humana e somente se mantém relevante enquanto comprova sua racionalidade com métodos rigorosos, eliminando todos os vestígios míticos e poéticos, colocados em palavras, como *Deus, verdade, alma, bondade, beleza* etc.

Em suas raízes jônicas, a tradição da filosofia ocidental colocou a questão da *arqué* (princípio) como origem de tudo que existe. Com esse termo, os antigos gregos designam o Ser cuja essência é ser a origem da qual tudo provém. Embora as diferentes respostas dadas – água, ar, fogo, terra etc. – não nomeiem Deus, o discurso indica para Ele e, por isso, não é de estranhar que este poder determinante de toda a realidade cedo fosse identificado com Ele.

Desde os antigos gregos, a questão de Deus foi vinculada intimamente ao problema do Ser, razão pela qual Martin Heidegger chama a metafísica de *ontoteologia*. Para muitos contemporâneos, a existência

de Deus deixou de ser evidente. Criticamente perguntam: “Não se benzeram armas e exércitos em nome de Deus? Que significa a existência de Deus num mundo em que existiram os campos de concentração de Auschwitz, Majdanek e Treblinka? No mundo em que seres humanos são discriminados e tratados como escravos, por causa da cor de sua pele? No mundo no qual alguns poucos têm quase tudo, vivendo do supérfluo, e a grande maioria sofre fome e miséria? Que diferença faz, se existe ou não existe Deus? Falar de Deus não significa falar apenas dos sonhos, do medo e dos desejos do próprio homem?”.

Sem dúvida, a questão da existência de Deus é a mais importante para a fé religiosa, pois, em última análise, a questão de Deus é a questão do próprio homem. Se o ser humano admite a existência de Deus, encontra um fundamento e uma meta última, ou seja, um sentido para toda a realidade, uma resposta para a frágil existência humana. Se Deus existe, podemos conhecê-lo? Desde John Locke, David Hume, Descartes e Immanuel Kant, na filosofia moderna, pergunta-se criticamente pela possibilidade e pelos limites do conhecimento humano: podemos conhecer a Deus com a nossa humana inteligência? É racionalmente plausível admitir sua existência?

O ser humano procura um caminho para chegar a Deus. A decisão humana a favor ou contra a existência de Deus nunca se restringe a um ato intelectual ou racional, porque também envolve a vontade e o coração. É uma decisão livre. Através da história, a filosofia não propõe uma doutrina unânime sobre Deus, apenas trata de algumas questões, como as de sua existência e de seus atributos. Deus não é encontrado na experiência empírica, porque fundamento suprassensível de toda a realidade empírica. Nada há o que a filosofia possa dizer sobre Deus que não remeta também ao homem, pois a filosofia parte do homem, por ser uma atividade do espírito humano.

Deus, certamente, não pode ser conhecido como qualquer objeto do mundo. As religiões monoteístas não se fundam na filosofia, mas na fé ou numa revelação. No entanto, parece-nos que a questão de Deus é importante também para o filósofo chegar a uma compreensão mais profunda de si mesmo, do mundo e da realidade em geral. Em última análise, a questão de Deus também é a questão do próprio homem e do mundo de sua vida. Não se prova a existência de Deus no sentido das ciências modernas, mas muito menos se prova

sua não existência. Neste estudo, indagamos se há uma *plausibilidade racional* para admitir sua existência, examinando tópicos da própria tradição da filosofia ocidental.

No decurso da história, grandes pensadores que se declararam ateus testemunham a importância da questão de Deus pelo interesse que lhe dedicaram. F. W. Schelling (1775-1854), representante do idealismo alemão, em sua obra *Denkmal der Schrift von den göttlichen Dingen*, escreveu: “Filosofia só é realmente filosofia enquanto der espaço para a opinião ou certeza de que se possa dizer algo criticamente sobre a existência ou não existência de Deus”.¹

O Deus celebrado nas representações e atitudes religiosas difere profundamente da ideia elaborada pela filosofia grega. No mundo religioso dos poemas de Homero e Hesíodo, os deuses evoluem revestidos de figura, dotados de qualidades e sentimentos que os aproximam e familiarizam com os humanos, enquanto, na tradição judaica, é *o totalmente outro*. Cedo a crítica filosófica rejeitou o antropomorfismo das divindades, reduzindo-as a meras ideias neutras e impessoais. Ao longo da história, também foram formuladas diferentes *provas metafísicas*. Tentativas de demonstrações a partir das ciências empíricas fracassam, porque a questão de Deus extrapola os limites de sua competência.² Provas da existência de Deus com argumentos científicos ou morais (axiológicos, históricos) apenas servem para indicar a abertura a partir da consciência humana. Os argumentos clássicos – *ontológicos*, *cosmológicos* e *teleológicos* – aduzem motivos da mesma espécie, mas em diferentes formulações, por diferentes pensadores.

Nos tempos modernos, a convicção de muitos cientistas e filósofos é que a *era da metafísica* chegou ao fim. Entretanto, a convicção desses autores baseia-se num discurso com *pressupostos metafísicos*, pois extrapola a competência das ciências singulares. A coisa mais comum é ignorar a tensão criada entre finitude e infinitude, reduzindo tudo à finitude. Ignora-se o dinamismo inerente ao ser humano que não se satisfaz com tal redução, uma vez que não tematiza a profundidade da dimensão espiritual.

¹ Citado por N. Fischer In: HONNEFELDER, Ludger; KRIEGER, Gerhard (org.). *Philosophische Propädeutik (metafísica e ontologia)*. Paderborn: Schöningh, 2001. v. 3, p. 213.

² ZILLES, Urbano. *Teoria do conhecimento e teoria da ciência*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

A interpretação reducionista do mundo e do homem à pura finitude é feita com o objetivo de livrar-se de todos os vestígios do infinito, do incondicionado, do absoluto e de todas as suas recordações. A ciência moderna tenta elevar o homem a proprietário e senhor da natureza e do universo, ou seja, a substitutivo de Deus. Na função de senhor, o homem pensa e age como se as riquezas do planeta fossem inesgotáveis, poluindo e destruindo sua própria casa. O iluminismo moderno conclama-o a sair de sua *menoridade culpada* e assumir sua *maioridade* com plena autonomia da razão, para eliminar os erros do passado (Kant). Karl Marx e seus seguidores anunciaram o fim da luta de classes através da revolução e ditadura do proletariado, com o objetivo de instaurar uma sociedade sem classes e sem Deus, aprisionando o ser humano em sua finitude. Marx apoiou-se na teoria da projeção de Ludwig Feuerbach. Para Feuerbach, Deus é a projeção do homem que busca sua perfeição, a imortalidade, mas alienou-se de si mesmo, atribuindo a Deus o que é seu e projetando nele aquilo que ele mesmo quer ser.

A modernidade reduziu a natureza ao matematicamente mensurável e cognoscível. A polêmica de Pascal, no século XVII, contra “o Deus dos filósofos e sábios”, relaciona-se ao fato de Descartes ter definido a metafísica como fundamento da física. Os físicos tentaram enquadrar Deus na sua dimensão epistemológica sem encontrar espaço. O método físico-matemático – norma de toda a cientificidade no campo empírico – descreve o domínio do cognoscível restrito ao do quantificável e empiricamente verificável. Nessa perspectiva, o Deus vivo não pode ser objeto de conhecimento.

O filósofo Max Scheler (1864-1928), fundador da disciplina de antropologia filosófica, afirma que absolutizar o finito como infinito é a idolatria moderna. Segundo Scheler, todo o espírito finito ou crê em Deus ou o substitui por um ídolo. As possibilidades da idolatria são infinitas. Scheler estava convicto de que é destruindo os ídolos que se abre caminho para Deus. Proclamando o fim da metafísica, absolutizam-se as ciências que tratam do finito e renuncia-se a uma visão global. Entre os novos ídolos, no século XXI, podem citar-se: a idolatria da raça, da nação, o mito do progresso tecnológico, o ideal de uma sociedade perfeita no futuro.

Por mais importantes que sejam as conquistas da ciência e da técnica, não cabe esquecer a ambiguidade do progresso tecnológico, pois

ele também desenvolve uma cultura de intolerância, de guerra e de morte de massas, com o poder das novas armas, as guerras comerciais e a aplicação dos novos conhecimentos. O homem individual torna-se prisioneiro e escravo de sua subjetividade pessoal. Passa a desconfiar do compromisso com normas universais, de toda e qualquer hierarquia de valores espirituais. O próprio conceito de “era pós-metafísica” torna-se insignificante. Consciente ou inconscientemente, admite a convicção de que a realidade se reduz totalmente ao sensível, ao material, que o todo da realidade se reduz exclusivamente ao mundo fragmentado como objeto das ciências singulares, sobretudo das ciências da natureza.

Em geral, é atribuída à crítica de Immanuel Kant (1724-1804) – cuja obra ainda goza de merecido reconhecimento nas universidades – uma parte da culpa de colocar a questão de Deus na periferia ou silenciá-la na filosofia contemporânea. Kant negou a metafísica como ciência – a metafísica dogmática –, tanto a racionalista quanto a empirista, mas estava convencido da natureza metafísica da razão humana. Tanto assim que tentou fundamentar uma metafísica crítica, na qual a questão de Deus ocupasse um lugar de destaque. Fez isso, com empenho pensante, na *Crítica da razão prática*.

De um lado, a filosofia transcendental de Kant mostra como o objeto é constituído *a priori* nas faculdades de conhecer do sujeito e funda as ciências da natureza sem recorrer a Deus. De outro, na dialética transcendental, mostra o defeito lógico que mina toda tentativa racional de passar do conceito de Deus à sua realidade. Deus, segundo Kant, não é um conceito que descreve um ser real de modo que se possa ter dele uma experiência empírica.

Historicamente, no caminho do *mito* ao *logos*, a filosofia, de um lado, chega à questão de Deus (deuses) através da reflexão sobre as religiões mítico-poéticas e, de outro, ao indagar pelo fundamento último de toda a realidade – pela realidade do incondicionado –, ou seja, da unidade última de toda a pluralidade, da condição última de tudo que é. O incondicionado, como condição para tudo, costumou-se chamar de absoluto ou Deus (*theos*). Discute-se até que ponto é possível, com ajuda da limitada razão humana, aproximar-se da realidade absoluta. Muitos, nos tempos modernos, negam tal possibilidade porque transcende o conhecimento empírico. Surge a pergunta: Deve o conhecimento humano limitar-se ao que abrange pela racionalidade

instrumental e técnica? Certamente o conhecimento humano não começou com o *conhecimento claro e distinto* das ciências modernas, e o conhecimento da verdade não se limita a ele.

A reflexão filosófica propriamente dita é posterior ao fenômeno religioso e suas concepções de Deus, do mundo e do homem. O homem – como ser religioso – vivencia sua relação com Deus (deuses) como poder pessoal do qual tudo depende em toda a sua existência. A filosofia indaga racionalmente pela realidade oculta na vivência religiosa quando fala de Deus. Na verdade, hoje, muitos pensam que a filosofia deve restringir-se às regras formais do pensamento, à análise da linguagem e ao exame das condições e dos limites do conhecimento científico. Mas, se a filosofia se contenta em ser uma ciência especializada entre outras, ela não se torna supérflua? Não pode ela indagar pela transcendência na imanência da experiência humana?

Enfim, perguntamos: O que queremos dizer quando usamos a palavra *Deus*? O que a tradição da filosofia ocidental entende como *prova* da existência de Deus? Como interpretar as formulações elaboradas no decurso da história?

A definição da palavra ou do conceito *Deus* é criação da razão ativa numa comunidade humana. A escolástica assimilou a teologia filosófica da Antiguidade (Plotino, Proclo) e passou a confrontá-la com a teologia judaica (Maimônides), cristã e muçulmana (Avicena) e, depois de confrontá-la com as disciplinas gramaticais e lógicas, constituiu a teologia em disciplina científica em busca de sua autonomia. Passado o período áureo medieval, o conhecimento da fé, aos poucos, desprende-se da Sagrada Escritura e do mundo. A metafísica ocupou sempre mais o lugar da revelação.

Nessa abordagem, o nome de Deus é transformado num conceito distinto do uso cotidiano, natural e religioso. Cada palavra e cada texto se inserem num contexto mais amplo de visão de mundo e devem ser examinados no contexto em que ocorrem. Assim, o nome *Deus* passou a ser substituído por uma lista sem fim de nomes dados pelos teólogos a partir de atributos metafísicos, como: causa primeira, *causa sui*, *esse subsistens*, *summa essentia*, *ipsum bonum*, *ipsum esse*, *ens infinitum*, começo e fim, sentido e meta, perfeição, absoluto etc. Essa pluralidade de nomes divinos passou a ser confrontada com a afirmação ontológica, pois os nomes de Deus devem transcender os limites do ser finito. Portanto,

Deus não é conceito de um objeto empírico. Por outro lado, se o termo não se refere a um objeto empírico, existe a possibilidade de ver, na ideia de Deus, a expressão de uma realidade que transcende a própria razão humana. Contudo, aquele que é venerado religiosamente como criador não necessariamente se torna uma criatura do próprio homem.

Por fim, a escolástica construiu o nome filosófico de Deus cada vez mais *a priori*, instaurando uma teologia natural ou filosófica. A razão sozinha possui, segundo a escolástica decadente, a capacidade de demonstrar a existência e a natureza de Deus. Pouco a pouco, dessa maneira, a teologia afastou-se tanto do testemunho das Sagradas Escrituras quanto do mundo concreto da vivência da fé, cedendo um espaço fecundo para a Reforma.

Neste estudo, não analisaremos a teologia negativa como a tentaram o Pseudo-Dionísio, João Escoto Eriúgena, Nicolau de Cusa e outros. O irlandês John Scotus Eriúgena (810-877), por exemplo, era de opinião que nada pode ser dito propriamente de Deus, uma vez que ele ultrapassa todo o intelecto, o qual é mais bem conhecido pelo não conhecimento, de quem a ignorância é o verdadeiro conhecimento, o qual é mais verdadeiro, e exatamente negado em todas as coisas, do que afirmado. Eriúgena tomou suas ideias da teologia negativa do Pseudo-Dionísio. Eriúgena recorre a uma explicação extremamente restritiva no uso da linguagem a respeito de Deus. Afirma que em Deus não está nenhuma das categorias de Aristóteles. Todos os predicados que aplicamos a Deus são aplicados de maneira metafórica, pois tais predicados têm um oposto e Deus não tem oposto. Assim, Deus não é bom, mas mais que bom. Chega a dizer que Deus não é Deus, mas mais que Deus. Nada pode ser dito propriamente de Deus, uma vez que ele ultrapassa todo o intelecto, o qual é mais bem conhecido pelo não conhecimento de quem a ignorância é o verdadeiro conhecimento. Essa maneira agnóstica de abordar o mistério religioso só encontrará concorrente em Nicolau de Cusa, no século XV.

Embora atualmente também se fale muito da *experiência de Deus* (William James), não como resultado da atividade racional, mas indicando os limites e fracassos do pensamento humano, também não trataremos dela neste estudo.³ O ser humano não se reduz à sua

³ ZILLES, Urbano. *A experiência religiosa e mística*. Porto Alegre: Letra & Vida, 2015.

racionalidade e à pura objetividade, nem é autossuficiente. O lugar dessas experiências místicas é a história, sobretudo a história das religiões, pois também existe uma experiência interior. Dessa maneira, a teologia filosófica enfrenta um novo desafio: tematizar a religião e dialogar com as ciências da religião.

Nos séculos XX e XXI, o silêncio sobre a existência de Deus, na filosofia, também tem outras causas, como a do ateísmo explícito de Feuerbach, Marx, Nietzsche, Freud, Sartre e Camus. A tradição da filosofia ocidental fala de Deus em diferentes contextos e em diferentes disciplinas: a) na *ontologia*: de um ser supremo; b) na *cosmologia*: de um imóvel movente que tudo move sem ser movido; c) na *metafísica*: *causa sui, esse subsistens* etc. d) Platão fala da ideia do Bem e do Belo; Plotino, do Absoluto e do Uno etc. e) Na filosofia da religião⁴ se fala de diferentes maneiras. Nos tempos contemporâneos, há pensadores que falam de Deus como *condição de possibilidade* de nosso conhecimento e de nossa experiência no mundo.

Partindo da história do pensamento filosófico, sem renunciar à responsabilidade e honestidade intelectuais, neste estudo examinamos, dentro das condições, possibilidades e limites do conhecimento humano, a plausibilidade racional de admitir a existência de Deus e de seu sentido para a vida humana também em nosso tempo, selecionando tópicos relevantes desde os antigos gregos até os tempos contemporâneos.⁵

⁴ ZILLES, Urbano. *Filosofia da religião*. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2009.

⁵ PENZO, Giorgio; GIBELLINI, Rosino (org.). *Deus na filosofia do século XX*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2002.